

“Aqui você tem lugar” — o desafio e a contribuição do tema da IECLB para a edificação da comunidade

Martin Volkmann

1. Introdução

A prática de escolher um tema norteador para a atuação da Igreja em toda a sua abrangência evidenciou-se como uma medida muito acertada. Porque tal tema, ao perpassar as reflexões e a ação da Igreja em todos os níveis (nos encontros comunitários, em concílios, em seminários de estudo, na formação de membros e de obreiros), passa a determinar a maneira de ser da Igreja. O tema ajuda a definir a identidade de uma Igreja. Tratando-se especificamente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), oriunda de diferentes igrejas regionais — os antigos sínodos —, a opção por um tema norteador da caminhada a partir da segunda metade dos anos 70 contribuiu para solidificar a unidade desta Igreja em todo o território nacional. Através dos temas do ano, a IECLB passou a mostrar a sua cara. Porque esses temas também refletiam o que pulsava no coração da IECLB. Eram um reflexo das preocupações existentes no âmbito da Igreja e que exigiam um posicionamento, desafiavam para a ação¹. Por exemplo, a preocupação com o pouco engajamento missionário em nossas comunidades levou, em 1981, à escolha do tema “Homem e mulher unidos na missão”. Além disso, a formulação desse tema reflete o acordar de nossas comunidades para a valorização da participação decisiva das mulheres na atuação da Igreja. Essa preocupação missionária voltaria com tema do biênio 1987/88: “E sereis minhas testemunhas”. Já o tema do ano de 1982: “Terra de Deus, terra para todos” vinha ao encontro de uma realidade angustiante, por sinal ainda não resolvida até hoje, da sociedade brasileira e que afetava também muitos membros da IECLB. Preocupação semelhante acompanhou a IECLB durante o ano de 1986: “Por Jesus Cristo — paz com justiça” e no biênio 1989/90: “O pão nosso de cada dia”. Já os temas “Eu sou o Senhor, teu Deus” (1983) e “Somos Igreja — que Igreja somos?” (1995/96) refletem mais a preocupação da Igreja consigo mesma. Quer dizer, a escolha de temas a orientar a ação da Igreja em todos os níveis, além de contribuir para solidificar a sua unidade interna, a ajudou a definir a sua identidade e a assumir o seu compromisso como Igreja.

É sob essa ótica que pretendemos analisar o novo tema da IECLB para o

biênio 1997/98: “Aqui você tem lugar”. Não tanto sob o enfoque da contribuição para a unidade interna da Igreja. Esta entrementes está solidificada: de norte a sul sabemos-nos como uma Igreja de Confissão Luterana no Brasil. Ou será que a nova estrutura sinodal representa uma ameaça à unidade conquistada? Por isso o tema é desafiador também sob essa perspectiva. No entanto, interessa-nos, em primeiro lugar, a perspectiva missionária, a contribuição desse assunto para a presença da IECLB em seu contexto. Com isso já antecipamos de certa forma como entendemos esse tema: na continuidade daqueles temas com forte preocupação missionária, mas, ao mesmo tempo, em combinação com os temas de “economia interna”. Vamos proceder da seguinte forma: num primeiro momento, analisaremos o assunto a partir do testemunho bíblico, procurando mostrar como “ter lugar” e “não ter lugar” perpassam a história do povo de Deus. Num segundo momento, enfocaremos esse dado na caminhada da IECLB. Finalmente procuraremos ver os desafios atuais desse tema e as possibilidades para a edificação de comunidades a partir desse desafio.

2. Ter — não ter lugar no testemunho bíblico

Ter o seu lugar — este é um assunto já na primeira página da Bíblia. Os dois relatos da criação — cada qual a seu modo — mostram exatamente esse aspecto: o Criador organiza a sua criação de tal forma que tudo tenha o seu lugar. A maneira esquematizada de fazer surgir todas as coisas em Gn 1 (“Disse Deus: Haja ... E assim se fez”), bem como a observação tantas vezes repetida ao final da criação de algo — “E viu Deus que isso era bom” —, são uma outra maneira de dizer: tudo tem o seu lugar. Cada astro, cada planta, cada animal tem o seu espaço e a sua função. Nada existe que não seja da vontade de Deus e que não tenha a sua finalidade, a sua importância, o seu lugar definido. E o mesmo vale para o ser humano. Também ele faz parte desta harmonia e tem o seu lugar definido nesse conjunto de toda a criação. Mais ainda, o ser humano tem o seu espaço nesta dualidade como homem e mulher. Justamente nesta complementaridade é que o ser humano cumpre a sua função, ocupando o seu espaço. Exatamente esse aspecto é destacado em especial no segundo relato em Gn 2, quando o ser humano é a primeira criatura, ao redor da qual Deus cria todas as coisas numa harmonia perfeita, harmonia esta que se torna completa com a formação da parceira. Portanto, os relatos da criação, cada qual à sua maneira, destacam essa verdade fundamental: no mundo que Deus quer cada qual e cada coisa tem o seu lugar, tem a sua função.

Mas esse mundo harmonioso de Deus sofre uma ruptura radical quando o ser humano não se satisfaz com o seu lugar, querendo ocupar sozinho todos os espaços. Gênesis 3, ao longo da descrição, parece querer dar a entender que agora nada mais está no seu lugar: “esconderam-se da presença do Senhor Deus, o

homem e a mulher” (v. 8); “maldita és entre todos os animais domésticos” (v. 14); “em meio de dores darás à luz filhos” (v. 16); “no suor do teu rosto comerás o teu pão” (v. 19); “o Senhor Deus, por isso, o lançou fora do jardim do Éden” (v. 23). De repente parece ter sido colocada uma placa na entrada desse mundo harmonioso onde se lê: Aqui você não tem lugar.

É, pois, em torno desses dois pólos — ter lugar / não ter lugar — que gira toda a história do povo de Deus. O relato bíblico consegue demonstrar isso de forma magistral, iniciando, como vimos, com a descrição do surgimento de toda a humanidade e mostrando como Deus, apesar dos “deslocamentos” causados pelo ser humano, constantemente dá lugar para aquele a quem é negado o espaço: Caim mata seu irmão, mas recebe um sinal protetor; a humanidade se corrompe, mas Deus resgata a Noé e reinicia a história; o dilúvio destruiu tudo, mas o arco-íris é sinal da proteção permanente de Deus. E, dentre os povos dispersos por toda a superfície da terra (Gn 11.9), Deus escolhe um povo e lhe dá um lugar no espaço e na história para, através dele, dar a cada um novamente o seu lugar: “Sai da tua terra (...) e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação e te abençoarei (...) Sê tu uma bênção (Gn 12.1s.). Ou seja, Deus dá a Abraão um lugar e inicia assim a caminhada com o povo escolhido para, por seu intermédio, dar um lugar para todos.

E o relato bíblico a seguir está cheio de exemplos dessa dialética entre ter e não ter lugar para o povo de Deus. Não tem lugar quando governantes, poderosos, autoridades e pessoas individualmente, a exemplo do ser humano no paraíso, se arrogam o direito de serem donos exclusivos do lugar, deslocando os mais fracos, os sem poder, os sem voz. Vejamos alguns exemplos!

— José não tem lugar entre os irmãos e é vendido como escravo para o Egito. Mas Deus lhe dá um lugar no centro do poder, abrindo assim espaço para criar um lugar para seu povo.

— No Egito o povo de Deus não tem lugar, ou melhor, o “lugar” dele é a escravidão, a não-vida. E quando ameaçam conquistar seu espaço, tornando-se um povo forte, com consciência de povo de Deus, tornando-se uma ameaça para quem não quer abrir espaço, sofrem todo tipo de artimanhas visando mantê-lo na escravidão, ou seja, sem lugar.

— Moisés não tem mais lugar em sua casa; precisa ser escondido para sobreviver. Mas, ao ser recolhido por alguém no centro do poder, Deus lhe dá um lugar no local mais seguro. E mais tarde precisa fugir porque não tem mais ambiente nesse contexto opressor que não dá espaço, mas Deus o chama para libertar o povo da escravidão no Egito e levá-lo para um lugar que mana leite e mel.

Bastam esses exemplos do início da história do povo de Deus. Poderíamos perpassar toda a história desse povo, conforme o relato bíblico, para analisá-lo sob esse enfoque: a dialética entre ter e não ter espaço. A época dos juízes, a atuação dos profetas durante o reinado, o exílio — repetidamente transparece essa verdade cristalina: ter lugar é dádiva graciosa de Deus, principalmente para quem esse lugar fora subtraído por quem usurpa o poder ou para quem jogou fora o seu lugar

e agora reconhece o seu erro. Por outro lado, não ter lugar entre os agraciados de Deus vale para quem opta por tal atitude de arrogância e auto-suficiência.

Olhemos para o Novo Testamento. O evangelista Lucas inicia o seu relato sobre Jesus dizendo, ao final da história de seu nascimento, que sua mãe o deitou numa manjedoura, “poque não havia lugar para eles na hospedaria” (2.7). E em outros momentos do relato sobre a atuação de Jesus transparece seguidamente esse caráter de não ter lugar: “As raposas têm seus covis e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mt 8.20). “Não é o servo maior do que o seu senhor. Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros” (Jo 15.20). Quer dizer, para quem vive na dependência radical e exclusiva de Deus não há espaço neste mundo em que os detentores do poder procuram ocupar todos os espaços, não dando oportunidade para quem vive a radicalidade da fé. Por isso — e isto perpassa igualmente todo o relato sobre a atuação de Jesus — os diversos detentores do poder — político, econômico, religioso — procuram tirar o espaço de Jesus, eliminando-o (Mc 3.6; 11.18; 12.12; 14.1). No entanto — e aí se mostra novamente esse agir ilógico de Deus —, esse que não tivera lugar na hora de nascer, para quem não se dá lugar ao longo do viver e a quem só resta morrer — esse tem lugar na economia de Deus: “Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai” (Fp 2.9-11).

Da mesma forma, não há lugar para muitas pessoas na época de Jesus: doentes (Lc 17.11-19; 8.43-48), pessoas portadoras de alguma deficiência (Jo 5; Mc 2.1-12), mulheres e crianças (Jo 4; Mc 10.13-16), publicanos e pecadores (Mt 9.9-13; Lc 15.1-2), estrangeiros (Lc 10.25ss.; 17.18). Por isso toda a atuação de Jesus, conforme nos relatam os evangelistas, se resume em abrir espaço, em mostrar concretamente para essas pessoas que, no mundo de Deus, entre o povo de Deus, todos têm lugar. Assim, Jesus se dedica em especial a essas pessoas marginalizadas, rejeitadas, desprezadas para lhes anunciar bem concretamente: “Aqui você tem lugar”. Ele cura doentes e deficientes; aceita em sua companhia mulheres, publicanos e pecadores; declara bem-aventurados os pobres; convoca para segui-lo pescadores, artesãos, gente humilde; anuncia a salvação para criminosos.

Por outro lado, Jesus questiona o “lugar garantido” para quem é auto-suficiente. Por exemplo, aos escribas dos fariseus, que protestam contra seu convívio com publicanos e pecadores, ele responde: “Os são não precisam de médico, e, sim, os doentes; não vim chamar justos, e, sim, pecadores” (Mc 2.17). Ao filho mais velho, que protesta contra a acolhida calorosa do filho mais novo que voltara, na parábola o pai responde: “Meu filho, tu sempre estás comigo; tudo o que é meu é teu. Entretanto, era preciso que nos regozijássemos e nos alegrássemos, porque esse teu irmão estava morto e reviveu; estava perdido e foi achado” (Lc 15.31-32).

Em suma, Jesus demonstra em palavra e ação que, diante de Deus, todos têm lugar, especialmente aquelas pessoas que, conforme os padrões vigentes na orga-

nização social, econômica e religiosa, pouco ou nenhum valor têm. Assim, Jesus se coloca na continuidade da marca registrada do agir de Deus com seu povo ao longo de toda a história. Por isso Jesus é o evento escatológico: nele se concretiza a antecipação do Reino.

3. Ter — não ter lugar na caminhada da IECLB

A IECLB é Igreja de Jesus Cristo no Brasil. Num contexto específico, esta Igreja, através de suas diversas comunidades, departamentos, instituições e grupos, procura anunciar e viver esta realidade que marca o agir de Deus com seu povo e que se condensou na pessoa de Jesus Cristo: aqui cada qual tem lugar. Mas, como toda a história do povo de Deus, assim como vimos na parte anterior, está marcada pela dialética “ter/não ter lugar”, da mesma forma também a história da IECLB traz em si esta marca característica. E justamente por ter embutida esta dialética é que ela continua sendo Igreja de Jesus Cristo. Porque enquanto perdurar a caminhada histórica, sempre haverá essa contradição de que espaços são abertos e outros são fechados; de que para alguns tem lugar, para outros não. Pois no momento em que a Igreja deixa de ser lugar de acolhida para quem busca Deus, ela deixa de ser Igreja. E da mesma forma é questionável a eclesialidade de uma instituição que se arroga a exclusividade da oferta de lugar.

Vejamos alguns exemplos em que, na IECLB, se anunciou e viveu, ou se deixou de dizer “Aqui você tem lugar”.

O próprio surgimento das primeiras comunidades com a vinda dos imigrantes alemães para o sul do Brasil reflete essa dialética. Na terra natal não tinham mais lugar. “A história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) está intimamente relacionada com a miséria a que estiveram submetidas vastas populações européias ao longo do século XIX... o êxodo rural, a industrialização, reformas agrárias fracassadas, o crescimento desenfreado dos centros urbanos, o colapso da agricultura em consequência da importação de produtos ... — tudo isso leva o europeu a procurar fazer a vida em outros continentes”². E quando aqui chegaram, como comunidade de fé também não tinham lugar: não havia Igreja Evangélica, a Igreja Católica Romana era a Igreja oficial do Império. Além disso, a Igreja Evangélica de sua terra natal não se preocupou em criar espaço para eles aqui. Conscientes da limitação da comparação, poderíamos dizer que esses primeiros imigrantes sentiram-se aqui assim como os israelitas se sentiram no exílio babilônico: abandonados por seu Deus, em terra estranha, rodeados por uma cultura e religião estranhas. Nós sabemos do Antigo Testamento que de fato Deus não abandonara seu povo no exílio. E os profetas nos relatam como ele lhe dá lugar mesmo em terra estranha (Jr 29; Ez 11.14ss.). Assim também a bondade de Deus preservou o seu povo aqui na nova terra, dando-lhe um lugar, também sob o ponto de vista de comunidade de fé: a partir dos fundamentos de

sua fé e com os elementos básicos para subsidiar constantemente essa fé (Bíblia, catecismo e hinário), os próprios membros do povo de Deus foram formando comunidades em que podiam celebrar seus cultos, ministrar os sacramentos, instruir seus filhos e filhas na fé. Portanto, esses primeiros membros da IECLB puderam sentir bem concretamente: aqui nós temos lugar.

E assim continuou ao longo das migrações da IECLB. Pois assim como na sua origem a IECLB é fruto da imigração de evangélicos para o Brasil, da mesma forma ela foi se expandindo pelo Brasil afora através da imigração de seus membros para sempre novas fronteiras agrícolas, principalmente. E à medida que chegavam a um novo lugar, também iam surgindo novas comunidades. E repetidamente, em meio às agruras da vida, em ambiente estranho e hostil, às vezes, essas pessoas puderam experimentar: aqui nós temos lugar.

Outro exemplo em que as comunidades da IECLB foram dando lugar para as pessoas são os diversos grupos da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (OASE). Em muitos lugares, para muitas mulheres, a OASE é o único espaço de presença, de atuação, de valorização além das lides caseiras. E assim esses encontros de estudo, de trabalho manual, de lazer, de comunhão são a maneira bem específica dessas mulheres sentirem: aqui eu tenho lugar. E é por isso que esses grupos de mulheres são muitas vezes o verdadeiro esteio que sustenta uma comunidade.

Para tomar ainda um exemplo de abertura de espaço mais recente, vejamos a atenção que a IECLB está dando ao trabalho com pessoas portadoras de deficiência (PPD). Inclusive há, dentro do Departamento de Diaconia, um setor específico para coordenar esse trabalho junto às PPD. E em diversas comunidades por este Brasil afora há grupos com atenção especial para essas pessoas, de maneira que também elas possam perceber: aqui nós temos lugar.

Bastam esses exemplos de experiências positivas. Vejamos também o outro lado. Porque assim como há todos esses fatos, da mesma forma há tantos outros em que as pessoas perceberam, em comunidades da IECLB: aqui nós não temos lugar.

Nesse sentido também o próprio início das comunidades foi marcante. Pois assim como fora positivo o fato de que os próprios imigrantes foram constituindo as suas comunidades, criando eles mesmos o seu lugar, também acabaram se enclausurando, se fechando em si mesmos. Por a IECLB ter “trazido” o seu povo para cá, não tendo surgido através da conquista de pessoas pela atuação missionária, as comunidades ficavam restritas ao grupo étnico. E assim foi-se solidificando aquela imagem: a Igreja dos alemães. Isso não se refere apenas aos membros, que, em sua expressiva maioria, continuam sendo de ascendência alemã. O mesmo vale em relação à espiritualidade, à maneira de vicenciar a fé. A língua usada nos cultos, os hinos, a liturgia e, até há pouco tempo atrás, a teologia — tudo isso levou a que, para muitas pessoas, ser evangélico luterano e ser alemão ou de cultura alemã eram e, às vezes, ainda são idênticos³.

Nos últimos anos, devido ao processo intenso de migração e urbanização,

esse aspecto não é mais tão determinante em muitas comunidades da IECLB. Houve, nas últimas décadas, um claro movimento em direção a uma identificação com a realidade brasileira em seu sentido bem amplo: culturas, situação sócio-político-econômica, teologia, etc.⁴. Mas não se pode negar também que, em certas áreas, inclusive nas chamadas “Novas Áreas de Colonização”, há comunidades que ainda se identificam fortemente por esse traço étnico-cultural. Desarraigados de seu ambiente, seus parentes, seu contexto de vida e lançados numa terra estranha, a única coisa que resta “como era lá onde morávamos” é a religião, a Igreja. E aí manter a tradição significa resguardar a identidade. Mas pode significar também fechar-se para os outros.

Outro exemplo. Em comunidades do Espírito Santo há uma forte tendência de resgate da cultura pomerana, uma vez que as mesmas são formadas, em sua maioria, por descendentes de imigrantes da antiga Pomerânia. Dentro de uma tendência geral de valorização das diferentes culturas, principalmente de grupos minoritários ameaçados de perderem a sua identidade cultural, esse resgate é algo elogiável e de grande valor. No entanto, corre-se também um sério risco de se fomentar novamente um enclausuramento dessas comunidades, levando a uma identificação entre ser evangélico e ser pomerano. Com isso, sem querer, se diz indiretamente a pessoas de outras culturas, que também estão presentes nessas comunidades: Aqui você não tem lugar.

Ainda outro exemplo, também muito ligado à origem das comunidades. Os imigrantes alemães foram atraídos para cá com a finalidade de ocupar espaços vazios, substituir o trabalho escravo, criar uma classe média local que produzisse os seus produtos agrícolas e artesanais e que também consumisse os produtos importados das novas potências industriais, especialmente da Inglaterra⁵. Assim, desde o início, as comunidades da IECLB, principalmente na região sul e no Espírito Santo, eram formadas por pessoas da classe média: pequenos agricultores, artesãos, comerciantes e, nas cidades, pequenos empresários e profissionais liberais. Com o decorrer dos anos, essa relativa homogeneidade foi se diversificando: muitos pequenos agricultores empobreceram, tendo migrado para as cidades, onde muitos deles acabaram nas periferias, sem trabalho, sem casa e, em muitos casos, sem comunidade. Porque as igrejas e grande parte da estrutura comunitária continuam no centro. Por sua vez, a maioria dos membros tradicionais das comunidades continuam sendo da classe média. Com isso muitos membros que estavam integrados em suas comunidades nas localidades de origem, ao se transferirem para a cidade, especialmente para bairros periféricos, perdem a ligação com a Igreja. Eles não se sentem em casa. É como ali estivesse uma placa a dizer: “Aqui você não tem lugar”!

Bastam essas considerações sobre a caminhada feita pela IECLB. Passemos aos desafios que o tema lança para os dias atuais.

3. Oferecer lugar — o desafio para a edificação da comunidade

Em primeiro lugar, gostaria de reafirmar o que disse na Introdução sobre a contribuição que a escolha de um tema tem para toda a atuação da Igreja. O simples fato de se ver confrontada nos mais diversos níveis e nas mais variadas programações com a mesma temática, isso leva a comunidade a refletir sobre os desafios que esse assunto levanta para ela, tanto para o seu convívio interno quanto para a sua presença missionária em seu ambiente. Com isso estou ao mesmo tempo indicando como entendo a tarefa da edificação de comunidade em sua relação com a dimensão missionária. Edificação de comunidade é a preocupação da comunidade com sua vida interna: a organização e estruturação das diferentes atividades comunitárias com o objetivo de que o membro de comunidade saia edificado pessoalmente e, ao mesmo tempo, a comunidade como um todo, pela integração dos membros na comunidade e pelo convívio comunitário dos membros. Presença missionária a comunidade tem quando ela volta os seus olhos para fora de seus muros, deixando-se desafiar pelas necessidades ao seu redor e oferecendo o seu espaço, sua mensagem para quem está à procura. Essas duas funções básicas não ocorrem de forma autônoma e independente; elas são os dois lados de uma mesma moeda. Portanto, uma comunidade que se preocupa com a sua presença missionária em seu contexto estará trazendo forças para dentro de seu seio e ajudando na edificação interna. Por outro lado, a comunidade que investe fortemente na formação pessoal de seus membros e na oferta de espaços diversificados para o seu convívio comunitário decerto irradiará essa vida para fora de seus muros⁶.

Vejamos, a seguir, alguns exemplos concretos em que o tema da Igreja desafia e contribui para a edificação da comunidade.

a) Em nossa sociedade atual pessoas idosas estão tendo presença cada vez mais marcante. Por dois motivos: em primeiro lugar, pelo avanço da expectativa de vida. Em segundo lugar, pelo processo de urbanização em que as pessoas são cada vez mais cedo descartadas do processo produtivo e, simultaneamente, cada vez mais pessoas são engajadas nesse mesmo processo. Se antigamente, no ambiente rural, o avô e a avó estavam integrados no ambiente familiar, tendo inclusive a sua ocupação, no ambiente urbano eles não têm mais lugar: o apartamento é pequeno, marido e esposa precisam trabalhar fora de casa, os filhos vão para a escola ou também já estão no mercado de trabalho. Portanto, oferecer espaço comunitário para a pessoa idosa é um grande desafio para comunidade. O que fazer?

Tomo como exemplo o Grupo Girassol da Comunidade Evangélica de São Leopoldo, o mais antigo grupo de idosos na IECLB. Há reuniões semanais com programação variada: canto, estudo bíblico, dança para a terceira idade, pintura, palestras, passeios. Cada reunião inicia com um momento de reflexão e é encer-

rada com um chá. Como departamentos dentro do grande grupo há a “Ciranda do Girassol”, que se dedica especificamente à dança, e as “Vozes do Girassol”, um grupo de canto que, inclusive, se apresenta em diversos eventos. O grupo é coordenado por uma equipe, sendo que mensalmente duas pessoas são responsáveis pelas reuniões semanais. O Girassol é um setor da Comunidade Evangélica; no entanto, está aberto à participação de pessoas de outras confissões. Assim, esse grupo é um espaço significativo e ansiosamente esperado ao longo da semana por muitas pessoas. Ao mesmo tempo, pela participação em cultos e em outros setores e eventos da comunidade, ele lança seus raios para dentro de toda a vida comunitária. Outrossim, não se pode menosprezar o significado em termos pessoais e comunitários que esse trabalho tem para quem participa do grupo coordenador.

b) À semelhança dos idosos, outros grupos sofrem fortemente sob os efeitos da marginalização, sobretudo em tempos de globalização da economia: pessoas portadoras de deficiência, meninas e meninos de rua, pessoas dependentes de drogas, desempregados. Também em relação a essas pessoas o tema representa um desafio. E em muitas comunidades já há exemplos de espaços que estão sendo abertos e que passam a marcar a vida de toda a comunidade. Na Paróquia de Santo Amaro, em São Paulo, existe a “Reconciliação do Menor”, que é um trabalho desenvolvido junto a menores e suas famílias com a finalidade de oferecer espaço para as crianças enquanto mães e pais trabalham (creche para as menores, reforço escolar para as maiores). Além disso se oferece, principalmente para as mães, orientação em higiene, alimentação e confecção de roupas. Algo semelhante existe na Paróquia do ABCD, em Mauá (SP), com a Casa Mateus, na Comunidade Evangélica de Porto Alegre, que mantém diversas creches, na Comunidade de Floresta Imperial, em Novo Hamburgo, e em muitos outros lugares. Muitas vezes tal trabalho acontece um tanto à margem da comunidade, sem ser assumido de fato pela comunidade e, conseqüentemente, sem muitos reflexos para dentro da vida comunitária. E aí se levanta a pergunta: a comunidade de fato sai edificada com esse trabalho? A grande comunidade talvez não. Mas essa pequena comunidade que é atingida pelo serviço abnegado de tais pessoas, essa comunidade sente-se acolhida e sai fortalecida. E algo semelhante vale em relação aos que se dedicam abnegadamente a tal serviço.

Quanto a pessoas dependentes de drogas, há, na sociedade civil, diversos grupos de auto-ajuda, como, p. ex., os Alcoólicos Anônimos. Devemos formar grupos próprios em nossas comunidades? Não será muito mais proveitoso abrir espaço em nossas dependências para que tais grupos possam se reunir ali, com o apoio expresso nosso e com o desafio de que famílias de nossa comunidade que têm o problema em seu meio se integrem a eles? E onde não há tais grupos, as comunidades poderão ser o ponto de partida para que se forme um grupo na localidade a partir de um grupo de fora.

c) Um momento de grande sofrimento e que pode representar um profundo

abalo na fé é a perda de um familiar ou outra pessoa muito próxima. Por causa dessa situação de crise que a morte representa na vida da pessoa é que a Igreja acompanha os enlutados com um ritual por ocasião do enterro. Nos momentos de passagem — no nascimento, o Batismo; na puberdade, a confirmação; no casamento, a bênção matrimonial — a Igreja percebeu a importância dos ritos para tais ocasiões e instituiu os ofícios casuais. Mas se nesses três é importante a preparação anterior, por ocasião de um enterro importa especialmente o comportamento posterior. E aí se apresenta um grande desafio para a comunidade como um todo. Vizinhos, parentes e amigos com seu apoio são fundamentais. Todos nós conhecemos inúmeros exemplos de solidariedade, principalmente nos primeiros momentos. Mas à medida que o tempo passa, a dor permanece, os questionamentos vão surgindo e as perguntas não obtêm resposta. E aí a visitação aos enlutados é uma tarefa imperiosa. Porque é exatamente nesses momentos de crise que a pessoa está mais suscetível a propostas que apresentam soluções imediatas. Por isso o acompanhamento a enlutados é um desafio e, simultaneamente, uma contribuição para a edificação da comunidade. Um desafio — porque pessoas feridas e abaladas na fé precisam de acompanhamento. Uma contribuição — porque pessoas que se engajam nesse acompanhamento, mas especialmente as que o recebem, saem fortalecidas e apoiadas na fé. Para exemplificar, cito o exemplo da Comunidade da Ascensão, em Novo Hamburgo, que criou o “Grupo de Apoio a Enlutados”, que se reúne semanalmente e entra em contato com todas as famílias por ocasião do falecimento de um membro da comunidade. Em um relato sobre a experiência uma integrante do grupo diz: “Para o enlutado, é importante saber que ele não está sozinho na sua dor, mas que a sua comunidade o compreende e caminha lado a lado com ele... Nosso maior desafio é não deixar nossos irmãos, que sofrem e choram a perda de um ente querido, caminharem sozinhos.”⁷

d) Permanecendo no âmbito mais restrito da comunidade constituída ou tradicional, uma das ressalvas muitas vezes levantada é a falta de solidez em relação às bases da fé entre os membros. Não há formação contínua na fé. Não se passa dos conteúdos básicos, do leite, na expressão de Paulo, e não se chega ao alimento sólido (1 Co 3.2). O ensino confirmatório, que é para ser uma introdução nos fundamentos da fé, acaba sendo o equivalente à pós-graduação, e a confirmação, a formatura. Desta forma, a maioria dos membros de comunidade são subnutridos em conteúdos de fé. Nesse sentido houve no passado e continua a haver experiências muito significativas em termos de continuidade na formação na fé. A filosofia do Catecumenato Permanente, nos anos 70, visava orientar o trabalho comunitário nesse sentido. Nada mais era do que uma proposta de edificação de comunidade que visava, em última análise, levar os membros de comunidade à maturidade na fé e, conseqüentemente, à vivência do discipulado no dia-a-dia⁸. O “Discipulado” do Movimento Encontrão, sob outras premissas, é igualmente uma proposta nesse sentido. Não convém neste momento avaliar criticamente cada uma dessas propostas. Importa registrar a importância e validade da intenção. Atual-

mente existem, nesse sentido, outras propostas, ao lado do modelo de “Discipulado” que continua, e de cursos promovidos pela Pastoral Popular Luterana, pelo Departamento de Catequese, pelo Departamento Nacional para Assuntos de Juventude e outros. Nas comunidades de São Leopoldo e de Porto Alegre, p. ex., está sendo desenvolvido, nos últimos anos, o curso “Celebrar e Viver”, um exercício em torno da liturgia do culto. Trata-se de analisar todos os aspectos da vida em conexão com as diferentes partes da liturgia. Pois, em última análise, a vida toda, em suas mais variadas relações, está contida nos diversos passos da liturgia⁹.

e) Vejamos um último exemplo. Esse tema “Aqui você tem lugar” nos leva a pensar em pessoas e grupos de pessoas que normalmente ou não têm lugar em uma comunidade de fé ou tradicionalmente não fazem parte de comunidades da IECLB. Assim, como dizia no início, esse tema está na continuidade daqueles temas que visavam aclarar as vistas para os desafios missionários. Nesse sentido houve passos significativos dentro da IECLB. Lembro apenas a Pastoral Popular Luterana (PPL), o Conselho de Missão entre Índios (Comin), o Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA), as comunidades criadas pela “Missão Zero”. E nessa linha há inumeros exemplos pequenos a nível de comunidades locais.

Mas quero, neste último exemplo, apontar para o desafio que esse tema também representa em relação aos membros bem tradicionais de nossas comunidades, inclusive, e quem sabe especialmente, aos que apenas constam nas fichas de arquivo. Também para essas pessoas vale: “Aqui você tem lugar”. Por isso esse tema nos encoraja a continuar a investir com muito esforço e muito carinho naqueles trabalhos bem tradicionais, pois são muitas vezes esses aspectos que fazem com que a pessoa se sinta em casa e diga: Aqui é meu lugar. Refiro-me aos grupos de OASE e de JE, ao culto infantil/escola dominical, aos ofícios, ao ensino confirmatório, aos estudos bíblicos e, especialmente, aos cultos. Onde e quando nós soubermos valorizar esses espaços no trabalho comunitário, sendo ao mesmo tempo criativos na dinamização e diversificação desses diferentes grupos, nossas comunidades irradiarão nova vida porque estarão sendo edificadas com material consistente e conforme um projeto bem elaborado. Além disso, serão atrativas para aquelas pessoas que fazem parte do rol de membros, mas que ainda não perceberam o valor dessa condição de membros para suas vidas. E assim deixarão de ser “defuntos de arquivo” para serem pedras vivas, edificadas como casa espiritual, que vivem o seu sacerdócio e oferecem sacrifícios agradáveis a Deus.

5. Conclusão

No decorrer desta exposição procurei conduzir vocês com o tema “Aqui você tem lugar” ao longo do testemunho bíblico e da caminhada histórica da IECLB para, na última parte, olhar para os desafios e as possibilidades que o mesmo representa para a edificação da comunidade. Introduzi o assunto apontando para os diferentes temas e suas implicações missionárias e de preocupação com a

vida interna da Igreja. À medida que fomos progredindo, procurei mostrar que esses dois focos de atenção não são dois assuntos dissociados, mas um tema só com dois focos distintos. Ou, como disse acima, dois lados de uma mesma moeda. Deixando de lado a linguagem figurada, dar atenção para a dimensão missionária significa fortalecer ao mesmo tempo a comunidade internamente. Por outro lado, investindo na edificação da comunidade, valorizando internamente a vida comunitária, se estará capacitando essa comunidade para ser uma força missionária dentro de seu ambiente. Logo, “Aqui você tem lugar” é uma oferta tanto para quem já está intimamente vinculado com a IECLB quanto para quem não tem ligação nenhuma com uma comunidade da IECLB.

Notas

* Aula inaugural do 2º semestre de 1997.

- 1 Veja S. SCHNEIDER, A caminhada da IECLB à luz de seus concílios, temas e prioridades, in: G. BRAKEMEIER (ed.), *Presença luterana 1990*, São Leopoldo : Sinodal, 1990, p. 147-161. Veja a relação de todos os temas, desde o lançamento de um tema anual para a IECLB, em *Anuário Evangélico 1997*, p. 139.
- 2 M. N. DREHER, A história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, in: G. BRAKEMEIER (ed.), op. cit., p. 94. Cf. também M. N. DREHER, *Igreja e germanidade* : estudo crítico da história da IECLB, São Leopoldo : Sinodal, 1984; J. FISCHER, *Geschichte der Evangelischen Kirche Lutherischen Bekenntnisses*, in: C. JAHN (ed.), *Es begann am Rio dos Sinos*, Erlangen : Verlag der Evangelisch-Lutherischen Mission, 1970, p. 85-200.
- 3 Cf. M. N. DREHER, *Igreja e germanidade*, p. 8.
- 4 Cf. R. SCHÜNEMANN, *Do gueto à participação* : o surgimento da consciência sócio-política na IECLB entre 1960 e 1975, São Leopoldo : Sinodal/EST-IEPG, 1992.
- 5 Cf. M. N. DREHER, *Igreja e germanidade*, p. 26ss.
- 6 Por isso, no Departamento de Teologia Prática da Escola Superior de Teologia há duas cadeiras diferenciadas: Missiologia e Estágio/Comunidade, e no currículo da Faculdade de Teologia constam igualmente duas disciplinas distintas: Missiologia e Edificação de Comunidade.
- 7 Lilian Lauck DECKER, Uma experiência em pastoral urbana, *Pastoral Urbana* : Caderno de Estudos da RE IV, São Leopoldo, n. 2, p. 34s., 1992.
- 8 Cf. M. VOLKMANN, Catecumenato Permanente — um desafio que permanece, *Estudos Teológicos*, v. 34, n. 3, p. 205-218, 1994. Veja também, no mesmo volume, as demais contribuições sobre o tema. Cf. também CENTRO DE ELABORAÇÃO DE MATERIAL, *Aprendizagem e vivência do evangelho*, São Leopoldo : Sinodal, 1977.
- 9 Trata-se de um programa desenvolvido nos Estados Unidos da América sob o título “Caring Community”, que foi assumido pela Igreja Evangélica na Alemanha, especialmente pela União das Igrejas Evangélicas Luteranas, sob a coordenação do Gemeindegelag Celle, respectivamente a Gemeindeakademie Rummelsberg. Lá leva o nome “Gottesdienst leben”, que, à semelhança da designação em português, evidencia a relação íntima entre culto e vida. Cf. VELKD, *Projekte und Programme* : Gemeindegelag Celle : Kirche in Bewegung, s. a.

Martin Volkmann
Escola Superior de Teologia
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo — RS